



AS OFICINAS ITINERANTES DO PIBID GEOGRAFIA UFPEL COMO PRÁTICA SÓCIO-ESPACIAL DE ACESSO A DIFERENTES CULTURAS

THE ITINERANT WORKSHOPS OF PIBID UFPEL GEOGRAPHY AS A SOCIO-SPATIAL PRACTICE OF ACCESS TO DIFFERENT CULTURES

Gabriela Klering Dias¹

Liz Cristiane Dias²

Pedro Henrique de Souza Rafael³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discorrer sobre a relevância das Oficinas Itinerantes do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) Geografia da Universidade Federal de Pelotas a partir da abordagem da Cartografia Escolar, do pensamento espacial e da promoção do estímulo da criticidade do aluno junto ao seu raciocínio geográfico. Optou-se por centrar a discussão mais detalhada em duas oficinas, a de “Gênero e Sexualidade” e a “Iniciação Cartográfica”, por acreditar que essas oficinas representam de melhor forma o caráter extensionista dessas práticas que visam conectar a Universidade e a Escola. As oficinas de Gênero e Sexualidade e Iniciação Cartográfica buscam integrar os alunos com práticas sócio-espaciais que permeiam o pensamento espacial e o raciocínio geográfico em seus processos de aprendizagem. Conclui-se nesse artigo que as oficinas do PIBIDGeo contribuem não só para a formação inicial e continuada de professores, como também para outros métodos e metodologias para o ensino de Geografia, além de possibilitar o se fazer professor e professora no cotidiano da profissão.

Palavras-chave: PIBID Geografia. Prática sócio-espacial. Pensamento espacial. Cartografia Escolar. Gênero e Sexualidade.

¹Universidade Federal de Pelotas - Brasil - Graduanda do curso de Licenciatura em Geografia - gabikdiasgeo@gmail.com; ²Universidade Federal de Pelotas - Brasil - Professora Doutora do Departamento de Geografia - lizcdias@gmail.com; ³Universidade Federal de Pelotas - Brasil - Graduando do curso de Licenciatura em Geografia - phenriqueraphael@gmail.com.

ABSTRACT

This article aims to discuss the relevance of the Itinerant Workshops of the PIBID Geography of the Federal University of Pelotas from the approach of Scholar Cartography, spatial thinking and the promotion of the stimulus of the student's criticality along with their geographical reasoning. It was decided to focus on more detailed discussion on two workshops, "Gender and Sexuality and Cartographic Initiation", believing that these workshops represent the extensionist character of these practices aimed at connecting the University and the School. The Gender and Sexuality and Cartographic Initiation workshops seek to integrate students with socio-spatial practices that permeate spatial thinking and geographic reasoning in their learning processes. It is concluded in this article that the PIBIDGeo workshops contribute to the initial and continuous training of teachers, as well as to other methods and methodologies for the teaching of Geography, besides making it possible to become a teacher and being a teacher in the daily of the profession.

Keywords: PIBID Geography. Socio-spatial practice. Spatial thinking. Scholar Cartography. Gender and Sexuality.

ENTÃO O DIÁLOGO COMEÇA

Este artigo é um recorte das Oficinas Itinerantes do PIBID⁴ Geografia UFPel – Universidade Federal de Pelotas (PIBIDGeo), Rio Grande do Sul. O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) surge em 2009 como proposta de auxílio à formação de professores, corroborando para o contato dos graduandos em licenciatura com a sala de aula, contribuindo não apenas na formação inicial, como também na formação continuada dos professores em exercício, neste caso de Geografia.

As Oficinas Itinerantes do PIBIDGeo surgiram por demandas de escolas e professores da rede municipal de ensino, que junto com a Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SMED) do município de Pelotas, requisitaram temáticas referentes à Geografia, bem como temáticas necessitavam um maior aprofundamento, esse possibilitado por meio do PIBID. Atualmente, existem cinco oficinas itinerantes, nomeadas: Cidadania, Consumo Consciente, Cultura Afro-Brasileira e Indígena, Iniciação Cartográfica e Gênero e Sexualidade.

⁴ O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) teve seu edital encerrado em fevereiro do ano de 2018. Foi lançado o novo edital para ingresso de alunos bolsistas, supervisores e coordenadores, com o retorno das atividades ocorrido a partir do mês de agosto deste ano, conforme informações do site da CAPES e do Ministério da Educação e Cultura (MEC).

As Oficinas Itinerantes caracterizam-se por sua dinâmica, diferente das demais atividades exercidas pelo PIBIDGeo, pois sua intenção é circular por diversas escolas do município de Pelotas em diferentes níveis de ensino. Além disso, compreende também a formação inicial e continuada dos professores da rede municipal de ensino e estreita o vínculo entre Universidade e Escola.

Consideram-se importantes as atividades como as oficinas e projetos disciplinares e interdisciplinares para que os professores em formação possam ter contato com o ambiente escolar antes do período de estágio e possibilitar, com isso, a maior aproximação com a realidade escolar e com o organismo vivo que é a escola e toda a sua complexidade. Essa escrita está baseada no contexto de duas oficinas construídas no âmbito do PIBID, as quais buscam aproximar esses conhecimentos acadêmicos da sala de aula e potencializar a formação desses cidadãos durante sua formação escolar.

Dentre as diversas oficinas desenvolvidas pelo grupo do PIBIDGeo, foram escolhidas duas que demonstram de forma mais abrangente e dinâmica as práticas sócio-espaciais e de acesso a diferentes enxertos de cultura no PIBIDGeo. Para tanto, optou-se por discorrer sobre essas duas oficinas: a de Gênero e Sexualidade e a Iniciação Cartográfica, escolhidas para serem discutidas nesse artigo, e como relatado, por demonstrarem a possibilidade de extensionar conhecimentos acadêmicos e aproximá-los da sociedade.

Para atingir o objetivo, este artigo foi organizado em dois momentos: no primeiro é apresentado o referencial comum desenvolvido por todas as atividades do PIBIDGeo, que por sua vez atrela referências da área da educação com o ensino de Geografia e o pensamento espacial. No segundo momento são descritas as oficinas itinerantes, dando ênfase mais especificamente nas propostas de Gênero e Sexualidade e Iniciação Cartográfica.

Espera-se que este artigo corrobore para auxiliar na formação docente, bem como o ensino de Geografia de maneira geral. Expor as práticas que foram experienciadas no Ensino Fundamental – Anos Finais e Ensino Médio da Educação Básica auxilia os professores em formação inicial e continuada, a pensar e repensar essas práticas na perspectiva do pensamento espacial, a partir da Cartografia como metodologia de ensino da disciplina de Geografia na escola.

OS REFERENCIAIS QUE PERMEIAM AS OFICINAS

O primeiro conceito central deste trabalho é o de prática sócio-espacial, compreendida por SOUZA (2010, p. 226) como “práticas em que a espacialidade é um componente nítido e destacado da forma de organização, do meio de ex-

pressão e/ou dos objetivos a serem alcançados”. Sendo assim, todas as atividades consideradas neste trabalho levam em conta uma perspectiva de espacializar os objetivos.

As atividades apresentadas e desenvolvidas durante a atuação dos pibidianos e pibidianas nas escolas possuem uma linha de raciocínio que visa sistematizar a abordagem teórica sobre o conhecimento geográfico e, com isso, estabelecer um paralelo entre as oficinas do PIBID, “a Cartografia Escolar, o pensamento espacial e a didática como estratégia para a construção do conhecimento geográfico” (Castellar, 2017, p. 220).

Considera-se a didática uma ferramenta que busca, no processo de aprendizagem das práticas educativas, formas de demonstrar e representar a disciplina de Geografia a partir de diferentes significados, como destacado por CASTELLAR (2017, p. 209) “será por meio desses significados que validaremos os instrumentos aplicados em sala de aula quando tratarmos do processo de ensino e aprendizagem”.

Junto ao estabelecimento dessas práticas educativas é necessário a percepção e a apropriação de diferentes espaços e perspectivas que sinalizam dinâmicas e formas específicas de empoderamento do espaço escolar, mesmo sendo este a sala de aula (espaço físico concreto) ou mesmo o espaço abstrato mas vivido pelos estudantes no seu cotidiano.

São essas práticas sócio-espaciais realizadas, tanto por alunos como pelos bolsistas, que possibilitam o desenvolvimento do pensamento espacial definido por DUARTE (2016) como um tripé de conceitos espaciais, formas de representação e processos de raciocínio que auxiliam na organização do conhecimento geográfico na busca de pensar o espaço e o perceber como ferramenta de leitura de mundo.

Um exemplo de processo de raciocínio é apresentado por GIRARDI (2014, p. 88), no qual “a leitura do mapa não é apenas precedida pela leitura de mundo, mas por uma certa forma de escrevê-lo ou reescrevê-lo, de transformá-lo.” A autora, em sua contribuição, mostra como o ato de ler mapas e decodificar seus elementos são movimentos dinâmicos e sócio-espaciais que ocorrem de acordo com o desenvolvimento de cada aluno ao longo de sua vida escolar.

O mapa é um modo de materialização dos processos de raciocínio, ou seja, uma forma de representação espacial, como salienta DUARTE (2016) é a prática que concretiza o pensamento espacial, unindo as formas de representação em meio de solucionar problemas e aplicar a prática espacial.

Nas atividades do PIBIDGeo, entendeu-se que a Cartografia Escolar era essencial para o estabelecimento de um pensamento espacial, e que a mesma

deve ser desenvolvida desde os primeiros anos de vida da criança, como salienta MARTINELLI (1998) sendo desenvolvida desde cedo na sala de aula, durante o Ensino Fundamental, por meio de jogos, brincadeiras, oficinas, bem como atividades lúdicas que podem promover resultados para a construção do conhecimento geográfico.

A Cartografia Escolar nas práticas do PIBIDGeo permeiam as oficinas itinerantes e contribuem com a formação docente, justificada por SOUZA e PEREIRA quando se referem ao:

Papel e finalidade da Cartografia na formação de professores, não somente como conhecimento técnico e recurso auxiliar na representação gráfica do espaço, mas como conhecimento que faz parte de uma metodologia de ensino, como a própria Cartografia Escolar (2017, p. 258).

A relevância das oficinas do PIBIDGeo são reafirmadas nesse artigo a partir de dois argumentos, o primeiro a partir da Cartografia Escolar enquanto metodologia de ensino e o segundo enquanto possibilidade de romper o distanciamento da Cartografia sistemática com a Cartografia Escolar, que demandam estar vinculadas.

O primeiro argumento, o qual traz a Cartografia como metodologia para CASTELLAR (2005, p. 216), demonstra que “a Cartografia é considerada uma linguagem, um sistema código imprescindível em todas as esferas da aprendizagem em Geografia”. Para tanto, desenvolve uma articulação com conceitos e sistemas conceituais, permitindo ao aluno ler e escrever as características do território, bem como articular informações, identificar, relacionar, observar, compreender os conflitos e a ocupação do espaço. Portanto, a Cartografia torna-se uma metodologia de ensino para, desse modo, promover uma aprendizagem mais significativa.

No que diz respeito ao segundo argumento, destaca-se também que, no decorrer do curso de formação, os professores em formação são apresentados a uma cartografia engessada e normativa, longe de suas realidades, distanciando-a de uma cartografia como prática educativa em meio a sala de aula. Deste modo, SEEMANN (2011, p. 37) dirá que “a Cartografia não deve ser vista como apenas uma ‘ferramenta técnica’, mas também como parte das nossas próprias práticas sociais”.

Tendo como base o descrito pelo autor, considera-se que a Cartografia compreende em si a “Educação e a Geografia”, formando, dessa forma, uma tríade que desencadeará e corroborará para a disseminação da Cartografia Escolar para crianças e escolas, bem como em pesquisas de professores e professoras de Geografia a partir do processo de ensino e aprendizagem.

A análise desenvolvida a partir do olhar geográfico vislumbra “possibilitar ao discente superar os limites do senso comum desenvolvendo o olhar sistemático, metódico e conceitualmente amparado” (Castellar, 2017, p. 213), além de cumprir com a função social da escola, como sinaliza PEREIRA (2016), ao desenvolver capacidades intelectuais e cognitivas, para que ocorra uma metodologia ao ensinar Geografia, estabelecer didáticas para a aprendizagem e desenvolvimento de conteúdos que têm por objetivo o pensamento espacial.

Salienta-se que a linha de raciocínio, referida no início deste texto, visa sistematizar a abordagem teórica sobre o conhecimento geográfico. Nesse sentido, estabelecer um paralelo entre as oficinas do PIBID, a Cartografia Escolar, o pensamento espacial e a didática como estratégia para a construção do conhecimento geográfico, auxiliou os pibidianos e pibidianas para o desenvolvimento das atividades descritas a seguir neste trabalho.

É compreendido que o olhar geográfico tem uma série de facetas que o tornam importante para a sala de aula, frente ao cenário atual e essa discussão inicial é relevante para as atividades do PIBIDGeo de modo que todas as oficinas o utilizem em seus diferentes temas e contextos. Em seguida, serão apresentadas e discutidas as Oficinas Itinerantes que constituem o PIBID Geografia UFPel, em especial as propostas intituladas Gênero e Sexualidade e Iniciação Cartográfica.

AS DIFERENTES OFICINAS ITINERANTES

As Oficinas Itinerantes do PIBIDGeo foram criadas em 2013, baseadas nos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (Brasil, 1998). O “itinerante”, buscou possibilitar que as oficinas fossem adaptáveis para diferentes faixas etárias, distintos públicos e em diferentes espaços.

É importante ressaltar que todas essas oficinas já foram aplicadas em Escolas Municipais, Escolas Estaduais, na Universidade e para professores da rede pública de ensino por diversas vezes, sempre utilizando diferentes metodologias para atender a esses diversos públicos.

Com esse princípio, foram criadas seis Oficinas Itinerantes: Cidadania, Cultura Afro-Indígena e Brasileira, Consumo Consciente, Comunicação e Mídias Sociais, Iniciação Cartográfica e Gênero e Sexualidade. Em seguida, serão apresentadas as ementas das oficinas e, posteriormente, serão aprofundadas as propostas de Gênero e Sexualidade e Iniciação Cartográfica.

A oficina denominada Cidadania trabalha esse conceito buscando entender os direitos do cidadão perante o espaço público. Dialoga sobre como os direitos ao espaço público podem ser entendidos, adquiridos e exercidos, explanando como a Geografia se faz presente na formação do cidadão. No decorrer da

proposta, é realizada uma prática com intervenção artística dentro de um espaço público, a fim de auxiliar no processo de apropriação desse espaço.

A oficina de Comunicação e Mídias Sociais possui o objetivo de dialogar sobre práticas que visam orientar os alunos para o uso adequado das tecnologias e das mídias, a fim de emancipar os mesmos na busca e construção do conhecimento através do estímulo à produção própria e criativa. O tema é pertinente no âmbito escolar pois a educação para as mídias e tecnologias nos diferentes territórios se faz necessária, a fim de se compreender como se ocorrem os processos de manipulação e apropriação destes meios no espaço e no tempo em suas dimensões sociais, culturais e ambientais.

A oficina denominada Consumo Consciente tem como objetivo central de apresentar um debate frente ao consumismo, enfatizando suas consequências, apresentando conceitos de consumo e outros temas relacionados à temática, debatendo as ideias na contracorrente da padronização de modos de vida. Ela se desenvolve a partir de discussões fomentadas por vídeos e explanações teóricas sobre as consequências e mudanças ocorridas a partir da globalização na nossa sociedade.

Uma dinâmica de roda de conversa com debate sobre situações e objetos do cotidiano é o ponto central, com a ideia de propor possíveis substituições de produtos e hábitos cotidianos, ainda indicando materiais para reflexões sobre o tema.

A oficina Cultura Afro-Indígena e Brasileira foi pensada com o propósito de abordar as temáticas de origem africanas e indígenas bem como suas respectivas características e costumes, com o intuito de ressaltar as influências destes povos na formação territorial e na identidade do Rio Grande do Sul, tendo em vista que muitas vezes essas temáticas são contextualizadas de forma superficial nas instâncias escolares.

As presentes práticas são previamente pensadas tendo em vista sua viabilidade dentro do contexto escolar, para que possam ocorrer de forma mais significativa. Baseados no recorte escolhido para este artigo, a seguir serão apresentadas as oficinas de Iniciação Cartográfica e de Gênero e Sexualidade, com ênfase em suas discussões.

PENSANDO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

A oficina de Gênero e Sexualidade tem por excelência o objetivo de debater as temáticas do título, de maneira a aproximá-las da realidade e demonstrar maneiras para desconstruir preconceitos. A justificativa da presente oficina baseia-se em LOURO (2011, p. 35), onde segundo a autora:

Estar atenta ao intolerável – critério significativo para alguém reconhecer o que vale a pena colocar em primeiro plano em sua vida, em suas reflexões e ações. Essa ideia, que não é minha, tomei emprestada de uma estudiosa espanhola chamada Maite Larrauri.

Na qual vemos claramente a necessidade de se entender as questões de gênero e sexualidade e perceber o que é intolerável, como dito por LOURO (2011), é importante perceber os conceitos para saber o momento de intervir onde se enxerga o limite da tolerância sendo ultrapassado. Nessa mesma perspectiva, mas com ênfase na escola, BOOTH & AINSCOW (2002) sinalizam que:

Esta dimensão cria uma comunidade segura, receptiva, colaboradora, estimulante, na qual todos são valorizados como a fundação para os mais altos sucessos de todos. Ela desenvolve valores inclusivos compartilhados que são passados a todo novo membro do Pessoal, estudantes, gestores e pais e responsáveis.

Sabendo desses fatores, devemos perceber a necessidade de o corpo escolar participar e trazer esses diálogos para a discriminação ser diminuída. A partir do momento que os alunos, alunas, gestores, gestoras, pais, mães e responsáveis entendem a dimensão dessa problematização (Gênero e Sexualidade) as discussões se tornam possíveis e praticáveis.

Deve-se sempre ressaltar que os PCNs e, principalmente os temas transversais de Pluralidade Cultural e Orientação Sexual são fundamentais à oficina, pois demonstram que:

A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles (Brasil, 1997).

Como exposto, é de extrema importância que essas temáticas e discussões sejam realizadas nas escolas se fazendo claras, pois é reconhecido que os alunos estão diariamente expostos a essas questões e o espaço escolar precisa prepará-los para o que está fora do ambiente escolar, assim como os professores e professoras precisam trazer a realidade do aluno para dentro do espaço escolar, principalmente a sala de aula.

A proposta é dividida em três momentos, onde no primeiro momento é feita uma apresentação do PIBIDGeo, da temática e do seu desenvolvimento. No segundo momento, realiza-se uma exposição dialogada de índices de gravidez na adolescência e IST⁵/AIDS, homofobia e feminicídio no município de Pelotas, utilizando-se dos conhecimentos estatísticos e apresentando mapas que espa-

⁵ Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). De acordo com o Ministério da Saúde, são doenças causadas por vírus, bactérias ou outros microorganismos. “A terminologia Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) passa a ser adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), porque destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas.” (Brasil, 2017).

cializam esses dados, sempre problematizando-os. No terceiro e último momento, propõe-se um debate sobre os dados e realidades vividas e percebidas pelos estudantes.

Ao utilizar os dados do município de Pelotas, entende-se como didática a aproximação com a realidade dos participantes da oficina, o uso dos mapas que espacializam os dados são a intersecção entre a Cartografia Escolar e o pensamento espacial, concluindo que a partir de diferentes contextos de análise da proposta são traduzidas diferentes práticas sócio-espaciais.

A presente proposição já foi aplicada em diversos espaços, desde escolas até a universidade e com diferentes públicos, como professores em formação, professores da rede pública de ensino através de capacitações e formação continuada, bem como estudantes da Rede Municipal e Estadual do município de Pelotas.

Rotineiramente é ministrada na Mostra e Seminário do PIBID Geografia UFPel, desde 2013, com o público-alvo os estudantes dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Geografia da UFPel. Diversas escolas da Rede Municipal e Estadual da Cidade de Pelotas como o Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, Escola Estadual de Ensino Médio Doutor Antônio Leivas Leite, Escola Estadual de Ensino Fundamental Luiz Carlos Correa da Silva, Escola Municipal Dom Francisco Campos Barreto entre outras, como também em atividades na Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SMED) na qual as temáticas são debatidas com os professores que atuam na rede municipal.

Figura 1 e 2. Questões sobre Gênero e Sexualidade e Pilares da Sexualidade.



Fonte: RAFAEL, P. H. S. (2017).

É importante frisar que este tema é pouco debatido, haja vista a dificuldade na abordagem desse assunto nas escolas, além do mais que atos como estes apresentados, são tão significativos para desmistificar conceitos e estereótipos, até então construídos na sociedade atual, priorizando, dessa forma, a conscientização das pessoas em prol da vida em sociedade e do respeito mútuo.

INICIANDO CARTOGRAFICAMENTE

O objetivo da Oficina Itinerante Iniciação Cartográfica é incentivar os alunos e professores a partir da temática da Cartografia Escolar, desenvolver atividades sobre os conhecimentos cartográficos de maneira a estimular o desenvolvimento das noções topológicas, projetivas e euclidianas de construção do espaço, junto aos participantes de acordo com o nível de cognição em que se encontram.

ALMEIDA e PASSINI (2006) abordam a respeito da formação inicial de professores da Pedagogia, ao passo que eles “pouco aprendem em seu curso de formação que os habilite a desenvolver um programa destinado a levar o aluno a dominar conceitos espaciais e sua representação”. Devido essa demanda existente, é trabalhado na perspectiva que a Oficina Itinerante Iniciação Cartográfica auxilie na formação de professores de Geografia, bem como áreas afins.

Por conseguinte, a abordagem da teoria de cognição de Piaget é discutida em diversos âmbitos, sendo de fundamental função para a execução da proposta, pois é o momento em que é discutido como ocorre a assimilação e a acomodação dos sistemas formados pelos alunos de acordo com seu desenvolvimento, além de suas adaptações para o equilíbrio de novos esquemas com os sistemas antigos já trabalhados.

Dessa maneira, a partir da corporeidade e de sua lateralidade, é proposto que, no ensino na escola, os alunos partam para a apreensão do todo e consigam desenvolver suas representações espaciais de forma mais dinâmica ao compreenderem a linguagem cartográfica. Dessa forma não só a Geografia, mas também outras disciplinas serão aprimoradas pelos alunos que possuem uma espacialidade bem desenvolvida.

Figura 3. Aplicação da oficina na E. M. E. F. Dom Francisco de Campos Barreto.



Fonte: DIAS, G. K. (2017).

SIMIELLI (2010) alerta que devemos usar cada vez mais a cartografia nas aulas, pois ela facilita a leitura de informações espaciais para os alunos e permite um domínio do espaço geográfico. Desta forma, PASSINI (2012, p. 42) também traz suas contribuições no sentido que: “podemos considerar como dever da escola proporcionar as aprendizagens das noções espaciais ao desenvolvimento das potencialidades de ler o espaço e sua representação como meios de desenvolver a autonomia.”

Posto isso, é de extrema importância que o estímulo com atividades de pensamento espacial com diferentes enfoques ou temáticas, visando fazer parte do processo cognitivo que os alunos estão construindo ao longo da sua trajetória escolar, possa haver um significado de aprendizagem relevante em suas vidas. Além disso, o uso do mapa mental como metodologia pode estimular o uso de algumas simbologias presentes na Cartografia, como a escala, legenda e a localização.

Assim como CASTELLAR (2017, p. 219), que identifica que o uso do mapa mental “inclui categorias abstratas de elementos que fazem parte da paisagem e do ambiente, como os trajetos e os pontos de referência, elementos que possuem uma relação hierárquica de inclusão de classes.”

De mesma forma que as outras Oficinas Itinerantes, a Iniciação Cartográfica foi aplicada em diversos âmbitos, seja para estudantes em escolas, dentro da universidade para alunos de graduação e também para docentes de escolas. Uma dessas aplicações foi em abril de 2017 durante o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC, ocorrido na UFPel com professores da educação básica de todo o estado.

Figura 4. Aplicação da oficina durante o PNAIC.



Fonte: DIAS, G. K. (2017).

SEEMANN (2011, p. 39) observa que “cada sociedade produz (e também reproduz) “geografias” e “cartografias” específicas, bem como formas e maneiras distintas de pensar, perceber e representar espaços, lugares, territórios e regiões”. Logo, ao propor esse tipo de atividade para os alunos, que possuem vivências diferentes, possibilita que consigam desenvolver seu raciocínio de forma instigante a partir do espaço geográfico como um conjunto de fatores que nele fazem parte.

AS PRÁTICAS SÓCIO-ESPACIAIS A SERVIÇO DA EXTENSÃO E DA GEOGRAFIA

A promoção de práticas sócio-espaciais que busquem a integração entre Universidade e comunidade é evidenciado ao longo desse artigo, possibilitando pensar as Oficinas Itinerantes do PIBIDGeo como uma metodologia de extensão e de aproximação à diferentes perspectivas culturais. No decorrer da escrita desse artigo, percebeu-se que ele não fica restrito ao seu objetivo, mas o extrapola quando pontua o referencial comum que permeia as oficinas aqui descritas. Esse referencial possibilita pensar para além da Cartografia, através de um olhar geográfico atrelado à interação com o espaço geográfico.

O PIBID contribui na formação inicial e continuada de professores, como também a possibilidade do programa em contribuir com novos pressupostos metodológicos para o ensino de Geografia, além de possibilitar o ser e fazer professor e professora constantemente com as aplicações das propostas. As atividades desenvolvidas a partir de pesquisas da realidade escolar, análise de dados, leituras sobre temas referentes aos projetos e a apropriação dos temas a serem desenvolvidos nas oficinas são experiências valiosas para o ser professor pesquisador.

No âmbito de Gênero e Sexualidade, sendo essa uma atividade que propõe uma possibilidade de diálogo por diversas vezes ocultado dentro da escola, é possível promover um avanço no conhecimento desses temas, propondo a consolidação de uma sociedade mais justa e com princípios da equidade e de respeito tão necessários e debatidos atualmente. A oficina de Iniciação Cartográfica problematiza o olhar escalar e principalmente espacial que são pré-requisitos da ciência geográfica, promovendo os progressos no que tange os conhecimentos da área da Cartografia, utilizando como enfoque a análise social e espacial da mesma.

A escola deve ser um ambiente capaz de propiciar aos alunos as diferentes formas de visão do espaço e suas diversas implicâncias no mundo atual. Fazer com que o estudante reflita sobre seu espaço cotidiano, tendo a Cartografia como instrumento de análise, torna-se fundamental, tanto para a sua formação, como para a sistematização do conhecimento num geral.

As práticas extensionistas são uma forma de possibilitar o acesso da sociedade ao ambiente universitário por transitar em diferentes aspectos, como em exemplo as propostas desenvolvidas, que contribuem para uma educação social e espacialmente referenciada, possibilitando mudanças no escopo da sociedade. A realidade da sociedade brasileira é complexa, porém é importante ter esse olhar que permita ao aluno desvelar, analisar, comparar, observar, dimensionar e escalonar a sociedade em que vive, para possuírem ferramentas para construir seu senso crítico do ponto de vista social.

Adiante, com o envolvimento dos alunos em propostas como estas, cada vez se justificam e se fazem mais necessárias tais ações, contribuindo com a diversidade de recursos didático-pedagógicos no ensino de Cartografia, facilitando o processo de ensino-aprendizagem e de fortalecimento do pensamento espacial como metodologia e, mais que isso, como raciocínio sobre o espaço como um todo e da Cartografia como uma ferramenta que traz mudanças à realidade, que aparenta ainda estar tão segmentada.

Por fim, defende-se o Ensino de Geografia a partir da construção do olhar geográfico, do pensamento espacial e de práticas sócio-espaciais. Para se pensar em uma metodologia acerca dessas possibilidades e que desenvolva o conhecimento geográfico a partir de análise do espaço vivido em diferentes escalas, além de abordar aspectos e conceitos correlacionados à Geografia, usa-se a Cartografia como ponto chave para uma aprendizagem mais significativa e, com isso, mais real ao aluno.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R; PASSINI, E. **O espaço geográfico: Ensino e Representação**. 15ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL, Parâmetros curriculares nacionais. Pluralidade cultural e sexual. **Temas transversais**. v. 10. MEC. Brasília. 1997.

BOOTH, T.; AINSCOW, M. **Índex Para a Inclusão: Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola**. Traduzido por: Mônica Pereira dos Santos. Produzido pelo Lápide, 2002.

CASTELLAR, S. M. V. Cartografia Escolar e o pensamento espacial fortalecendo o conhecimento geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 13, jan./jun., 2017, p. 207-232.

Departamento passa a utilizar nomenclatura “IST” no lugar de “DST”. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/noticias/departamento-passa-utilizar-nomenclatura-ist-no-lugar-de-dst>. Acesso em 26 de agosto de 2018.

DUARTE, R G. **Educação geográfica, cartografia escolar e pensamento espacial no segundo segmento do Ensino Fundamental**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

GIRARDI, G. **Modos de ler mapas e suas políticas espaciais**. Espaço e Cultura. UERJ, RJ, N.36, Jul./Dez 2014, p. 85 – 110.

LOURO. G. L. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Form. Doc.**, Belo Horizonte, v. 03, n. 04, p. 62-70, jan. /jul. 2011. Disponível em: <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>.

MARTINELLI, M. **Técnicas quantitativas e cartografia: alguns comentários sobre uma aplicação**. São Paulo: Geociências, 1998.

O que são IST. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist>. Acesso em 26 de agosto de 2018.

PASSINI, E. Y.; **Alfabetização Cartográfica e a Aprendizagem de Geografia**. São Paulo: Cortez, 2012.

SEEMANN, J. O ensino de Cartografia que não está no currículo: olhares cartográficos, “carto-fatos” e “cultura cartográfica”. In: **Ensino de geografia: novos olhares e práticas**. Flaviana Gasparotti Nunes (Org.) – Dourados, MS: UFGD, 2011.

SIMIELLI, M. E. R. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: CARLOS, A. F. A. (org.) **A geografia em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2000.

SOUZA, C. J. O.; PEREIRA, M. B. Cartografia Escolar na Formação do professor de geografia e a prática com mapas mentais. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 13, jan./jun., 2017, p. 248-276.

SOUZA, M. L. de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

Data de recebimento: 05 de julho de 2018.

Data de aceite para publicação: 21 de agosto de 2018.